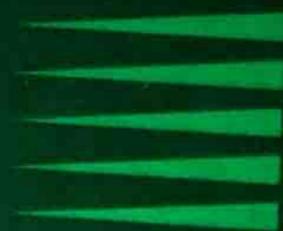
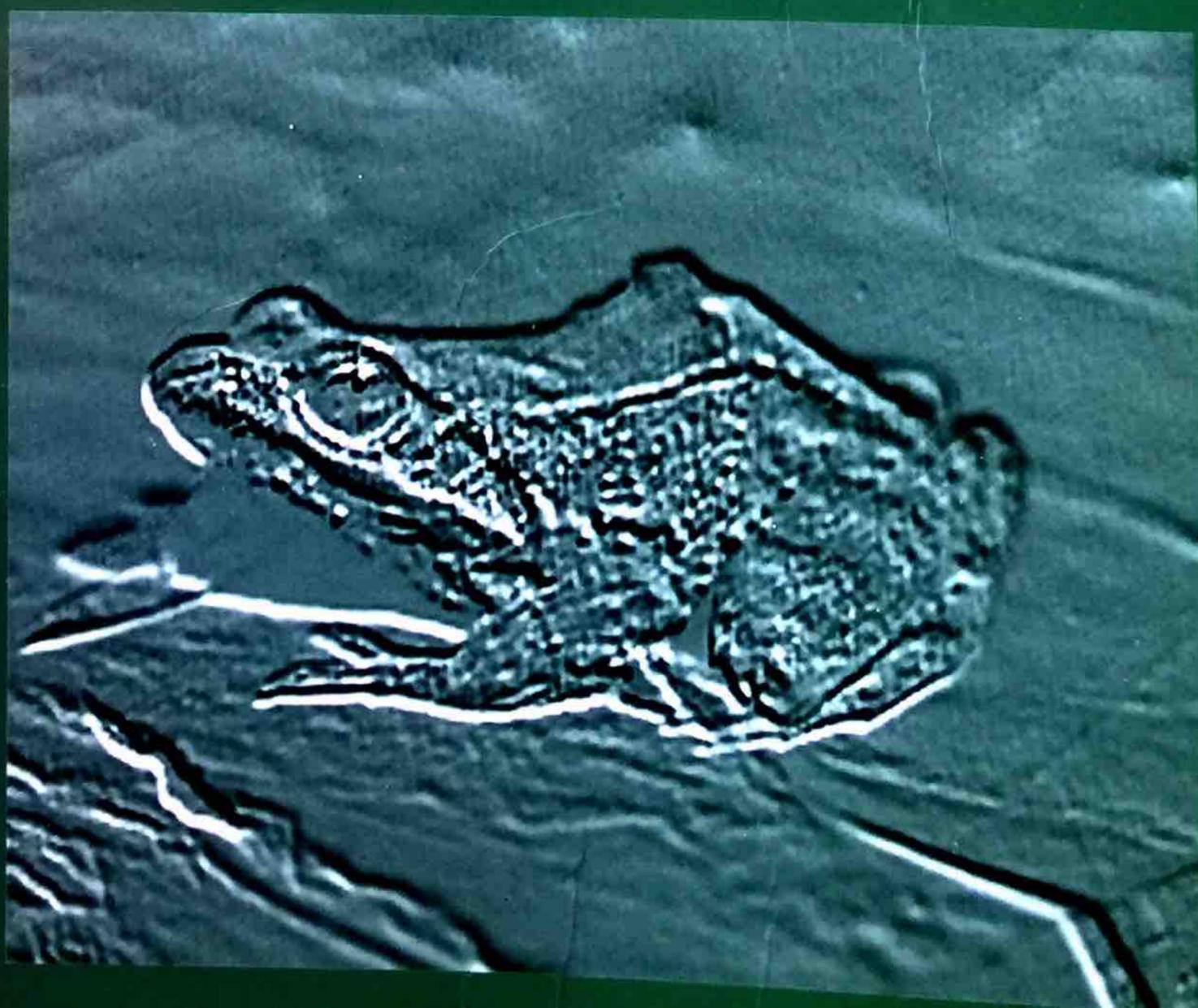


J. M. PARGANA . O. S. PAULO . E. G. CRESPO



ANFÍBIOS E RÉPTEIS

DO PARQUE NATURAL DA SERRA DE S. MAMEDE



Ficha Técnica

Título **Anfíbios e Répteis do
Parque Natural da Serra de S. Mamede**
Autores **J. M. Pargana; O. S. Paulo; E. G. Crespo**
Capa **Vera Lopes**
Fotografias **E. G. Crespo** (*com excepção das indicadas*)
Produção **J. M. Pargana**

Reservados todos os direitos ao
Parque Natural da Serra de S. Mamede / ICN
Nº de Exemplares **1000**
Depósito Legal **108156/97**
ISBN nº **972/8083/90/4**

Seleção de Cor/Execução Gráfica **Corlito - Setúbal**

Edição **Parque Natural da Serra de S. Mamede**
Instituto da Conservação da Natureza
Portalegre, 1996

LAGARTIXA-DE-DEDOS-DENTEADOS

Acanthodactylus erythrurus

(Schinz, 1833)

É uma lagartixa de corpo robusto e membros fortes, com 5 dedos relativamente grandes e unhas bem desenvolvidas.

A cabeça é alta e robusta, terminando num focinho algo afilado.

O desenho dorsal é tipicamente raiado, com uma série de bandas longitudinais castanhas escuras, separadas por riscas mais finas de tonalidade mais clara.

As bandas escuras apresentam numerosas manchas mais claras e arredondadas, geralmente de tons amarelados, que se estendem aos membros.

O ventre é normalmente esbranquiçado, embora as fêmeas possam adquirir tons avermelhados na região interna dos membros posteriores e na zona ventral da cauda, principalmente no período reprodutor.

A designação "*erythrurus*" está relacionada precisamente com esta coloração da parte inferior da cauda.

Durante a época de reprodução, a base da cauda dos machos adultos é particularmente grossa, estreitando bruscamente no último terço.



Esta lagartixa distribui-se por toda a Península Ibérica (excepto na região mais setentrional), bem como norte de África. É o único representante do género *Acanthodactylus* na Península.

Na região de S. Mamede é relativamente rara, parecendo apresentar populações muito localizadas, nomeadamente em Ranginha e Alvarrões.

É um animal que mostra uma certa preferência por ambientes arenosos, estando bem adaptado a certas zonas mais ou menos desérticas de África. No nosso país é frequentemente encontrado em zonas do litoral, com abundância de pinhal e cobertura arbustiva mais ou menos dispersa. Na Serra de S. Mamede os dois locais onde foi encontrado são áreas relativamente secas, com substrato pouco consistente e abundância de afloramentos rochosos de origem granítica. Em termos de vegetação, são zonas de sobreirais dispersos, com alguma

vegetação herbácea e arbustiva. Esta espécie surge em zonas de baixa altitude, como são os casos dos dois locais referidos, situados abaixo dos 700 metros.

A lagartixa-de-dedos-denteados é um animal extremamente veloz, procurando imediatamente refúgio entre a vegetação ou debaixo de grandes pedras, quando se sente ameaçada. Para isso pode, por vezes, percorrer distâncias consideráveis. O modo como se desloca em corrida, com a cauda elevada acima do nível do corpo, pode ajudar na sua identificação.

Extremamente termófila, esta lagartixa só consegue manter um certo nível de actividade com temperaturas corporais superiores aos 13 °C, apresentando um óptimo de actividade entre os 25 e os 30 °C. Se no sul da Península pode permanecer activa durante praticamente todo o ano, nas regiões do interior e na Serra de S. Mamede apresenta um claro período de repouso invernal, durante vários meses. Para a

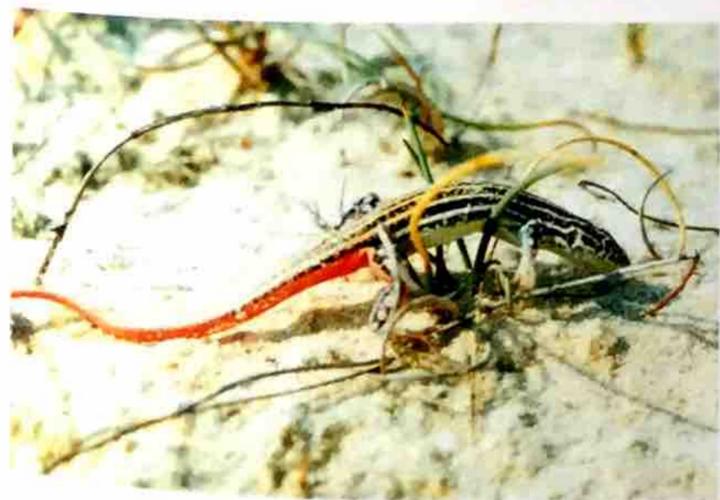
hibernação enterra-se entre as raízes da vegetação, escava galerias, aproveita tocas de ratos e de coelhos ou abriga-se sob grandes pedras.

Durante os primeiros dias após o período de hibernação é frequente a sua observação ao sol, nas cercanias dos seus refúgios invernais, por vezes adoptando uma postura típica, com o ventre apoiado no solo e os membros levantados. Esta atitude permite-lhe absorver mais calor. Todavia, quando a superfície aquece demasiado, estica os membros ao máximo, afastando o ventre o mais possível da superfície, agora quente demais. Em geral, os juvenis são os primeiros a abandonar os abrigos invernais.

Nos meses temperados, o período de maior actividade corresponde às horas do meio do dia, ao contrário do que acontece nos meses de maior calor, nos quais mantém maior actividade no princípio e no fim do dia, evitando as horas de maior calor.

Embora os dados obtidos sejam insuficientes para determinar a época de reprodução da espécie na região, sabe-se que no sul e sudeste espanhóis esta parece ter o seu início logo no final de Março, enquanto nas regiões centrais da Península sofre um atraso considerável, ocorrendo apenas no final da Primavera. Nesta altura os machos sofrem um grande desenvolvimento dos poros femurais, intensificando-se os ocelos e as manchas amareladas do dorso. Por seu lado, as fêmeas adquirem tonalidades avermelhadas.

No início do acasalamento o macho persegue a fêmea, mordendo-a na base da cauda e nas costas. A cópula é de curta duração, durando normalmente entre 1 e 3 minutos. Pode, no entanto, repetir-se várias vezes em dias sucessivos. Pouco tempo depois a coloração avermelhada das fêmeas começa a regredir, até desaparecer completamente.



A postura consiste, em geral, de 2 a 7 ovos e pode ser efectuada mais de uma por tem-



porada, especialmente por parte das fêmeas de maiores dimensões.

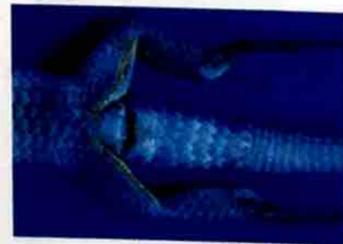
A alimentação de *A. erythrurus* é feita à base de insectos, aranhas e outros artrópodes. Dentro dos insectos, as suas presas favoritas são os escaravelhos e as formigas. Por vezes preda sobre juvenis de outras espécies de lagartixas, nomeadamente a lagartixa-do-mato, com quem comparte frequentemente o habitat. Há ainda referências de ataques às próprias crias, em situações excepcionais. A sua dieta é completada com restos vegetais, particularmente na época da floração, em que consome folhas e flores de algumas plantas.

Ao contrário da maioria das lagartixas, quando é capturada não expele urina pela cloaca, o que está provavelmente relacionado com a necessidade de retenção de água, em virtude do tipo de habitat em que vive.

A restrita localização da lagartixa-de-dedos-denteados no Parque Natural da Serra de S. Mamede constitui uma ameaça para as suas populações. No entanto, nesses locais parece ser relativamente comum, não se conhecendo outras ameaças específicas.

Consta do anexo III da Convenção de Berna e tem o estatuto de espécie não ameaçada em Portugal.

Os poros femurais são formações glandulares que se localizam na região interna dos membros posteriores e na região em redor da cloaca. As suas secreções amareladas intervêm activamente no mecanismo de reconhecimento sexual.



SARDÃO

Lacerta lepida

(Daudin, 1802)

É o maior dos lagartos ibéricos, podendo os maiores exemplares ultrapassar largamente 1 m de comprimento total.

No entanto, o normal é não ultrapassarem os 65 cm.

A cabeça é desproporcionadamente grande em relação ao corpo e está armada com poderosas mandíbulas.

Tipicamente, a cor dorsal de fundo é esverdeada ou amarelada, com um profuso ponteadado escuro que pode formar um verdadeiro mosaico de grande beleza. Nos flancos surgem várias séries de grandes manchas ou ocelos azuis, que estão na origem da denominação "lagarto-ocelado" que é atribuída a este réptil nalgumas regiões.

O ventre é esbranquiçado, amarelado ou esverdeado, geralmente sem qualquer mancha ou retículo.



Os juvenis têm o corpo esverdeado, com ocelos claros dispersos por todo o corpo.



O sardão ou lagarto ocorre em toda a Península Ibérica, na orla ocidental e sudeste de França. É comum na região de S. Mamede. Ocupa grande variedade de habitats nesta serra, desde pinhais até sobreirais, carvalhais e prados. Comum em zonas rochosas, campos de cultivo e matagais, prefere áreas bem expostas ao sol, evitando zonas excessivamente húmidas e sombrias. No entanto, requer sempre uma certa densidade de vegetação que lhe proporciona abrigos em caso de perigo.

É muito comum também em olivais, cujas árvores possuem troncos ocos e tortuosos, nos quais encontra refúgio.

Normalmente ocupa zonas de baixa e média altitudes, desde os 500 até aos 1400 m, chegando excepcionalmente a atingir os 2000 m nos Pirinéus. No Parque Natural parece mais abundante nas zonas mais altas, embora esteja difundido por toda a região.

Tal como acontece no resto da Península Ibérica, em S. Mamede os sardões diminuem ou chegam mesmo a cessar a sua actividade durante o inverno. A duração do período de inactividade é muito variável, dependendo das condições climáticas. Entre Março e Julho é quando se regista o máximo de actividade destes répteis.

Embora sejam animais muito termófilos, nos dias mais quentes e secos do Verão evitam as horas de maior insolação, restringindo a sua actividade aos períodos da manhã e do crepúsculo. Nos dias frios e ventosos preferem manter-se abrigados nos seus esconderijos.

Animais típicos do solo, os sardões movem-se com grande agilidade entre a vegetação. Contudo, se não houver outros refúgios nas proximidades, quando se sentem ameaçados não hesitam em trepar a árvores, rochas ou paredes, o que fazem com relativa facilidade. Em geral abrigam-se em tocas escavadas por

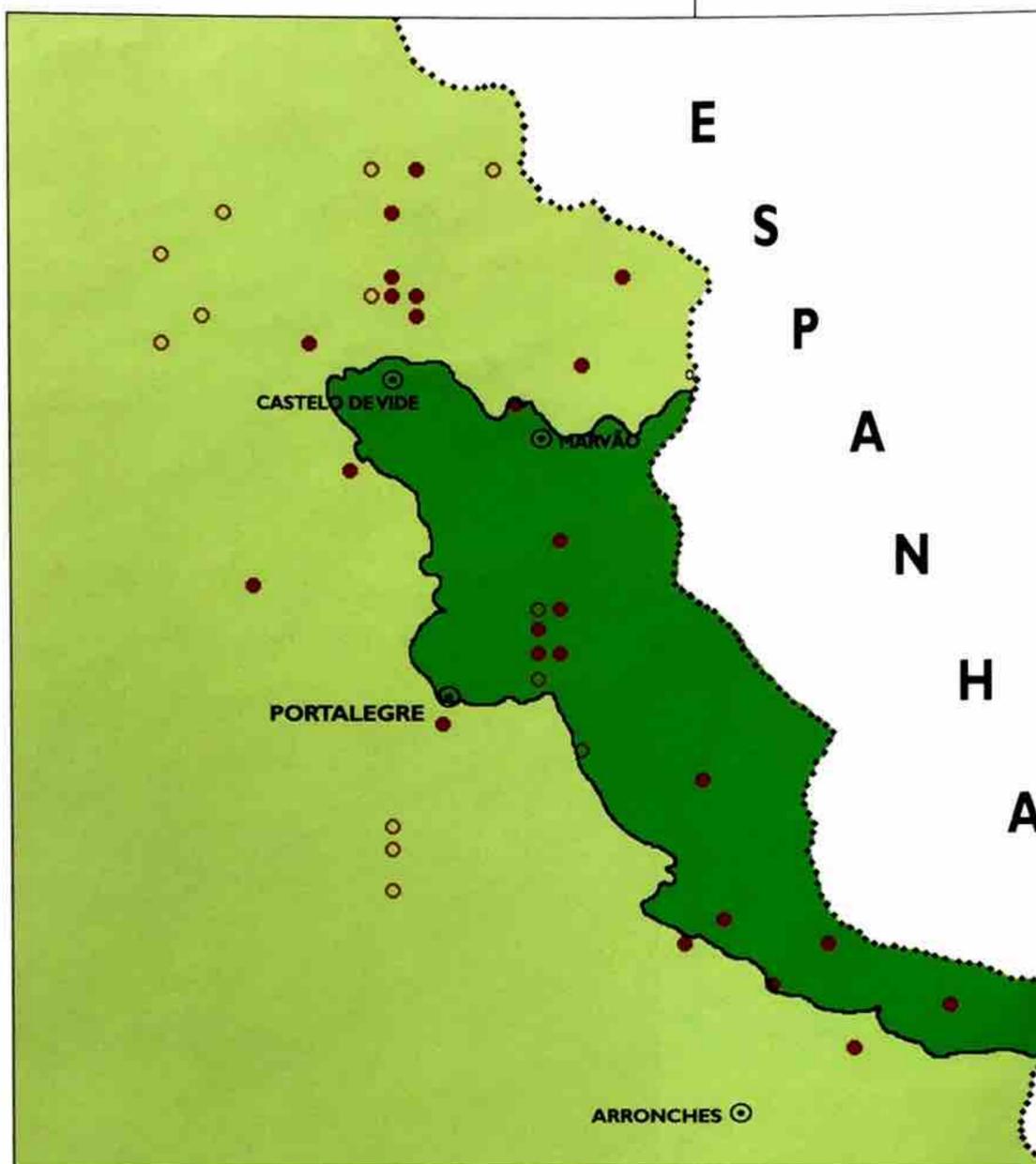
si ou aproveitam as de outros animais, tais como coelhos ou roedores. É também frequente refugiarem-se debaixo de pedras ou troncos velhos caídos. Geralmente cada animal tem um território bem definido, no qual dispõe de vários refúgios.

Os sardões são muito esquivos, fugindo veloz e ruidosamente ao menor sinal de perigo. No entanto, quando são encurralados e não têm qualquer possibilidade de fuga, enfrentam o agressor sem vacilar. Nestas ocasiões elevam a cabeça, mantendo a boca bem aberta durante longo tempo e expondo ao agressor a poderosa musculatura mandibular. Se este insiste, pode ser contemplado com uma forte dentada. Ao serem agarrados, estes animais tentam defender-se dando fortes chicotadas com a cauda, ao mesmo tempo que tentam morder.

Durante a época de reprodução, que ocorre na Primavera, acentua-se o carácter territorial dos machos, produzindo-se frequentemente violentas lutas entre eles. A agressividade para com as fêmeas não é menor. Antes da cópula, os machos perseguem-nas, mordiscando-lhes a cauda, os flancos ou qualquer outra parte do corpo mais acessível, de tal forma que não é raro a fêmea ficar muitas vezes sem cauda, por vezes arrancada de uma só dentada.

Quando consegue imobilizar a fêmea, o sardão macho arqueia o corpo e introduz um dos seus dois hemipénis na cloaca daquela, consumando assim a cópula. Uma vez fecundada, a fêmea põe cerca de 20 ovos dos quais nascerão os pequenos lagartos no final do Verão. Os acasalamentos podem decorrer até ao mês de Maio.

O regime alimentar dos sardões é composto por grande variedade de invertebrados. Entre estes podem destacar-se escaravelhos, abelhas, formigas, borboletas, caracóis, centopeias e aranhas. Os adultos podem mesmo capturar pequenos vertebrados, como lagartixas e roedores. Quando as conseguem apanhar,



Os sardões, embora habitualmente inofensivos, quando atacados enfrentam os agressores sem vacilar...

também não desdenham pequenas aves, mas contentam-se frequentemente com os seus ovos. A sua dieta é completada com vegetais e frutos maduros.

Relativamente comum na região, tem como principais ameaças o uso indiscriminado de pesticidas e a destruição dos seus habitats. O consumo alimentar do sardão por parte dos humanos tem tendência a desaparecer, pelo menos em Portugal. O mesmo parece, no entanto, não acontecer na vizinha Extremadura espanhola, o que nesta perspectiva não deixa de constituir uma ameaça potencial para as nossas populações.

Esta espécie está incluída no anexo II da Convenção de Berna e é considerada não ameaçada a nível nacional.

O padrão de coloração do sardão é muito belo!

LAGARTO-DE-ÁGUA

Lacerta schreiberi

Bedriaga, 1878

Mais pequeno do que *L. lepida*, o lagarto-de-água apresenta um acentuado dimorfismo sexual, especialmente durante o período reprodutor. Com efeito, os machos adultos são mais robustos que as fêmeas, e apresentam uma coloração dorsal verde ou verde-amarelada, densamente pontilhada a negro. A cabeça é de um azul intenso, particularmente na época de reprodução, embora alguns indivíduos mantenham essa tonalidade ao longo de todo o ano.

As fêmeas não são tão chamativas, apresentando normalmente o dorso pardo ou verde, frequentemente com grandes manchas escuras.

Ventralmente, o dimorfismo sexual é praticamente inexistente.

Nessa região os lagartos-de-água apresentam tonalidades amareladas, com um pontilhado negro geralmente denso.



Os juvenis são geralmente pardos, destacando-se no seu dorso uma fileira de barras transversais amareladas ou brancas.



Interessante endemismo ibérico da região ocidental da Península, este lagarto ocorre essencialmente na Galiza e região Cantábrica, nalgumas regiões do Sistema Central espanhol e no norte e centro de Portugal. Em Espanha há ainda a referir uma população na serra Morena, na província de Jaen. No sul do nosso país apresenta populações dispersas e isoladas, nomeadamente nas serras de Monchique, Cercal, Sintra e S. Mamede. Este aspecto da sua distribuição faz pressupor que, no passado, o lagarto-de-água se encontraria plenamente difundido no sul do país.

Na Serra de S. Mamede a mancha de distribuição deste sáurio é semelhante às de *A. obstetricans* e *R. iberica*, surgindo quase exclusivamente na região montanhosa. A sua presença verifica-se até à zona norte de Castelo de Vide, tendo sido encontrado no limite sul, em certas regiões da ribeira de Abrilongo,

nas proximidades de Perna Chã. No entanto, as maiores abundâncias são registadas nas zonas mais altas da serra, como por exemplo Alvarrões, Ribeira de Nisa, Reguengo ou S. Julião. Todas estas regiões se situam a altitudes superiores a 500 m.

O lagarto-de-água prefere zonas húmidas e frescas, encontrando-se intimamente associado a cursos de água permanentes, com uma certa corrente e com vegetação ripícola densa, composta principalmente por silvas e urtigas. Os juvenis podem por vezes deslocar-se para locais mais secos.

A actividade destes animais no Parque Natural não é uniforme ao longo do ano. Entre Outubro e Fevereiro quase não se vêem, refugiando-se nos seus abrigos e entrando numa maior ou menor letargia. A partir de Março, quando as temperaturas aumentam, retomam a sua actividade normal, sendo

então possível observá-los a aquecerem-se ao sol, sobre a vegetação ripícola.

Menos desconfiados que os sardões, deixam por vezes observar-se a curta distância. No entanto, quando se sentem ameaçados, escondem-se imediatamente entre a vegetação ou nos seus refúgios, sempre próximos. Não hesitam em trepar a arbustos ou árvores, o que fazem com relativa facilidade. Quando são acossados nas proximidades da água e não têm outra hipótese de fuga, mergulham, podendo ficar submersos durante algum tempo. Ao serem capturados são pouco agressivos, quando comparados com os sardões. No entanto, por vezes chegam a tentar morder o agressor.

Logo após o reinício da sua actividade tem lugar a época de reprodução, ocorrendo a maioria das cópulas em Março e Abril. Durante o acasalamento, e particularmente nos preâmbulos da cópula, o macho mostra-se bastante nervoso, acompanhando sempre a fêmea e pondo-se por vezes sobre ela. Se a fêmea foge ele persegue-a, acabando por mordê-la para a tentar imobilizar e consumir a cópula. Este comportamento torna-se por vezes um pouco violento, não sendo raro as fêmeas saírem ligeiramente feridas das disputas.

L. schreiberi é uma espécie ovípara. A fêmea põe entre 5 e 25 ovos que enterra no solo, debaixo de pedras ou entre as raízes da vegetação.

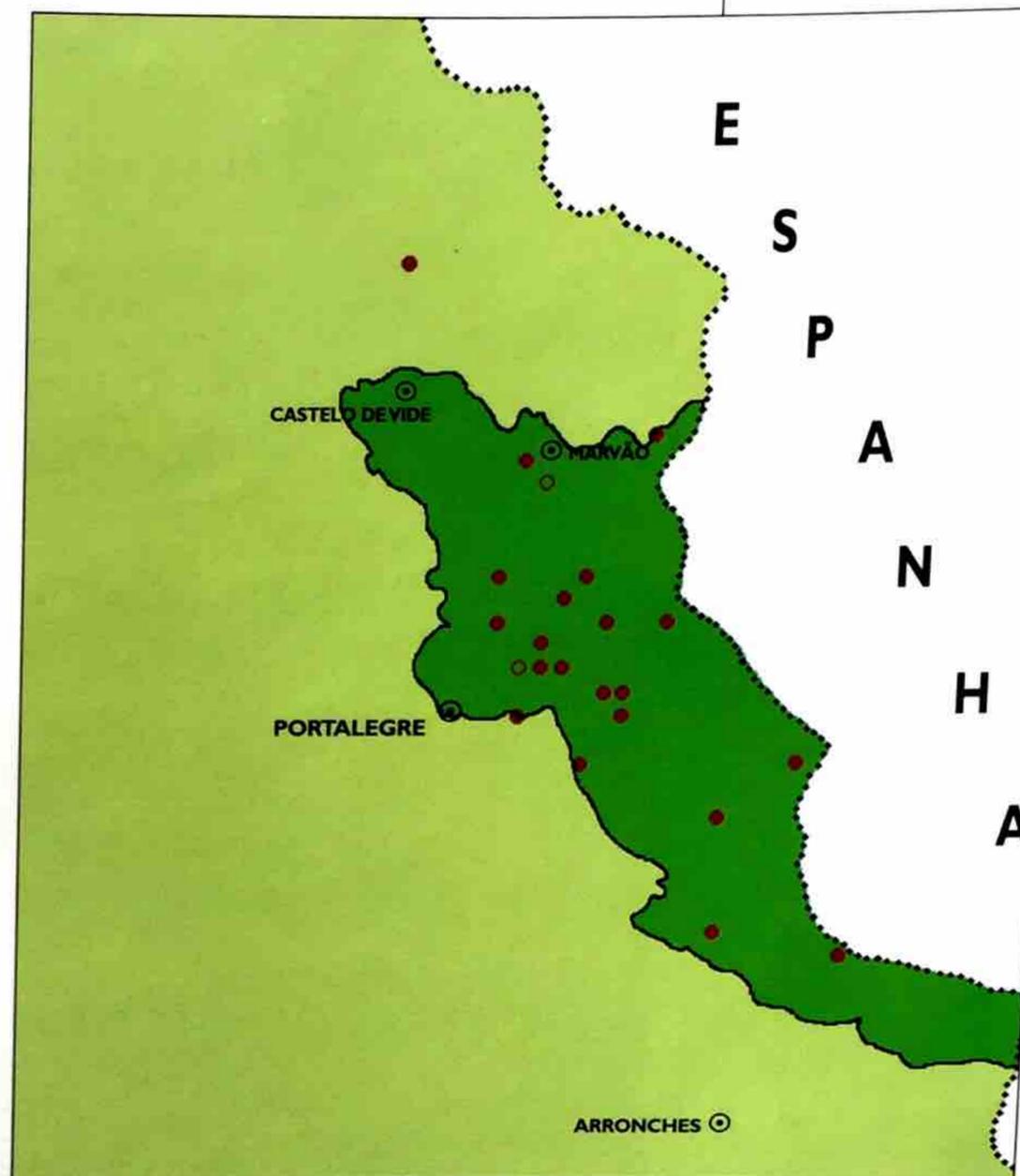
Os insectos e as aranhas constituem a base alimentar do lagarto-de-água. De entre os primeiros, prefere moscas, escaravelhos, gafanhotos, abelhas e diversas larvas. Inclui ainda na sua dieta caracóis e pequenos frutos, por exemplo, amoras maduras.



♂



♀



Relativamente abundante em S. Mamede, tem como principal ameaça a destruição do seu habitat natural, nomeadamente através do corte e queima da vegetação ripícola, especialmente nas zonas em que esta forma galerias. O uso desregrado de insecticidas pode constituir também um problema para a espécie.

Considerada não ameaçada em Portugal, está incluída no anexo II da Convenção de Berna e nos anexos II e IV da Directiva Habitats. O carácter de isolado geográfico do lagarto-de-água na Serra de S. Mamede merece particular atenção no que respeita à sua conservação na região.



Na época reprodutora a cabeça dos machos do lagarto-de-água adquire tonalidades azuis vivas, realçando a beleza destes animais.



O isolado da Serra de S. Mamede, face à distribuição geral de *L. Schreiberi*.

O lagarto-de-água tem um dimorfismo sexual acentuado.

LAGARTIXA-IBÉRICA

Podarcis hispanica

(Steindachner, 1870)

A lagartixa-ibérica é um animal de pequeno tamanho, podendo atingir um comprimento total de 18 cm. É a mais grácil das lagartixas portuguesas. Tem uma forma tipicamente aplanada, que facilita a sua vida nas rochas.

A coloração dorsal de fundo é geralmente parda, frequentemente com tonalidades esverdeadas mais ou menos intensas, sobretudo nos machos. O desenho dorsal é extremamente variável, havendo exemplares claramente raiados, outros pintalgados ou reticulados e ainda outros mais ou menos uniformes.

Conhecem-se inclusivamente animais albinos.

A parte ventral é geralmente esbranquiçada, embora alguns animais apresentem tons avermelhados ou alaranjados nessa região.



P. Sá Sousa



P. Sá Sousa

A vulgar lagartixa é uma espécie com uma distribuição praticamente restringida à Península Ibérica (com reduzida penetração no sudeste de França), onde está presente na quase totalidade do seu território. A sistemática das populações portuguesas do género *Podarcis* está a ser completamente revista. Muitos autores consideram a existência no território continental português de duas espécies distintas de lagartixas: *P. bocagei* e *P. hispanica*. Actualmente a discriminação entre as duas espécies tem uma base essencialmente morfológica. A revisão da sua sistemática deverá incorporar também dados genéticos.

Adoptando a classificação referida, *P. bocagei* caracterizar-se-ia pelo predomínio do tom verde dorsal e maior altura da cabeça. Esta espécie distribuir-se-ia pelo norte e centro do país, com marcada influência atlântica. Quanto

a *P. hispanica*, teria uma área de distribuição mais vasta, que abrangeria não só o norte e centro do país, mas também as regiões mais meridionais. Se bem que a classificação destes animais seja ainda controversa, a população do Parque Natural da Serra de S. Mamede estará claramente incluída na espécie *P. hispanica*.

Em S. Mamede a lagartixa-ibérica apresenta uma distribuição muito peculiar, ocorrendo nas regiões norte e oeste do Parque Natural, estendendo-se até certas zonas de altitude, como Relvas, S. Bento e Reguengo. No entanto, parece estar completamente ausente de toda a restante região central, bem como da zona sul. Uma das explicações para este facto poderá estar relacionada com a composição geológica do solo. A mancha de distribuição desta lagartixa coincide com as zonas de composição granítica, aparentemente

confirmando alguns dados que referem que, em algumas regiões, estes animais evitam os solos de natureza xistosa. As zonas central e meridional da Serra de S. Mamede são precisamente caracterizadas por solos deste tipo.

Os biótopos frequentados por *P. hispanica* são normalmente meios rochosos, embora possa ocupar diversos tipos de habitats. Prefere zonas abertas, tais como carvalhais, sobreirais e olivais dispersos, bem como prados com certa densidade de vegetação herbácea. É também muito comum em zonas urbanizadas, nomeadamente em muros e montões de pedras, casas abandonadas e locais ajardinados.

Animais totalmente diurnos, nos meses de maior calor evitam as horas centrais do dia, saindo preferencialmente de manhã e ao fim da tarde. O seu período de actividade estende-se de Março a Outubro, embora neste mês se reduza substancialmente o número de observações. Agosto e Setembro constituem os meses de maior actividade da lagartixa-ibérica.

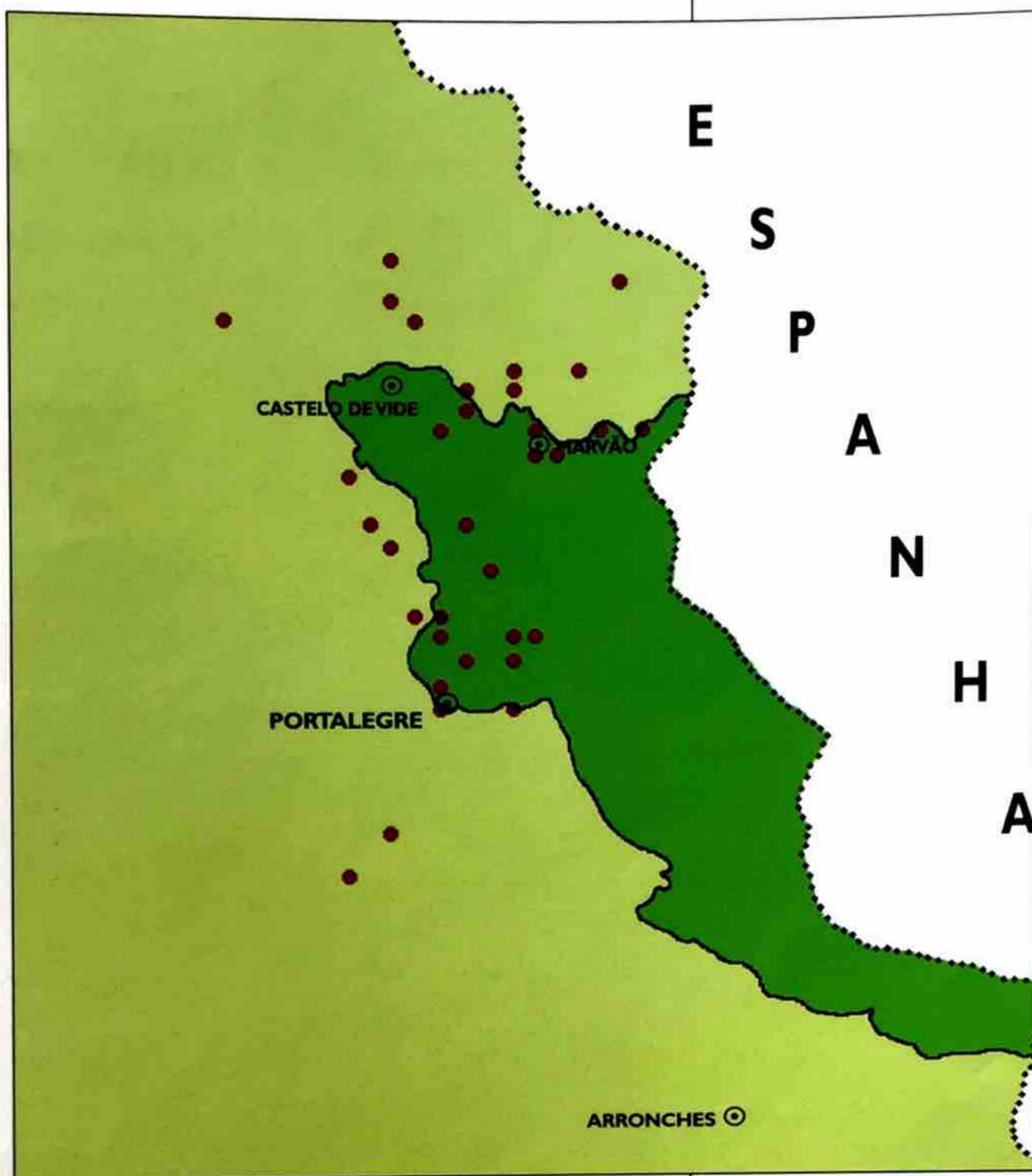
Embora se verifique uma redução da actividade durante o Inverno, na Serra de S. Mamede não chega a praticar uma verdadeira hibernação, já que é possível observar alguns animais activos nos meses mais frios, especialmente em dias ensolarados.

A lagartixa-ibérica é um animal extremamente ágil, desconfiado e esquivo. Trepá rápida e perfeitamente por rochas, troncos, arbustos, paredes e muros de pedra, onde se abriga.

Ao ser capturada emite sons perfeitamente audíveis, ao mesmo tempo que tenta morder. Para tentar libertar-se pode autotomizar a cauda, a qual chega, por vezes, a ingerir posteriormente.

No Parque Natural da Serra de S. Mamede a época de reprodução destas lagartixas tem o seu início em Março. Neste mês ocorrem lutas territoriais e perseguições dos machos às fêmeas. Os primeiros defendem activamente pequenos territórios, não sendo raro perderem a cauda nas lutas com outros machos.

As cópulas dão-se sobretudo em Março e Abril e têm uma duração variada, desde poucos minutos até cerca de uma hora. O macho



P. Sá Sousa

mantém a fêmea imóvel, mordendo-a no baixo ventre ou, mais raramente, na base da cauda.

A alimentação da lagartixa-ibérica é composta basicamente por centopeias, aranhas e insectos, dos quais se destacam moscas, formigas, escaravelhos e gafanhotos. Por vezes pode comer outros lacertídeos, inclusivamente da própria espécie.

Comum na região, não parece sofrer ameaças específicas. O seu estatuto de conservação em Portugal é o de espécie não ameaçada. Consta do anexo III da Convenção de Berna.

A lagartixa-ibérica prefere meios rochosos.

LAGARTIXA-DO-MATO

Psammodromus algirus

(Linnaeus, 1758)

Ligeiramente maior que a lagartixa-ibérica, pode atingir um comprimento total de 23 cm, dimensões devidas em grande parte à sua cauda, relativamente grande.

As escamas dorsais são imbricadas, pontiagudas na extremidade e com uma quilha ou carena central bem evidente.

A sua identificação também é fácil através do padrão de coloração, pelo menos nos exemplares mais típicos, em que o dorso é castanho, com duas linhas laterais esbranquiçadas que se juntam ao nível dos membros posteriores. Entre essas duas linhas, os flancos apresentam em geral uma tonalidade mais escura.

Atrás da inserção dos membros anteriores existem muitas vezes manchas ou ocelos de cor azulada.

A região ventral é normalmente esbranquiçada, com tons avermelhados ou alaranjados na parte posterior do corpo, em especial na zona de inserção da cauda.



A área de distribuição desta espécie abrange toda a Península Ibérica (com reduzida penetração no sudeste de França) e o noroeste de África.

Está largamente difundida em toda a região de S. Mamede, sendo a lagartixa mais abundante no Parque Natural. Nesta zona pode encontrar-se numa grande variedade de habitats, sempre que neles exista a quantidade de vegetação suficiente para lhe proporcionar refúgio. Evita substratos arenosos e muito abertos, sentindo-se perfeitamente à vontade em zonas densamente arborizadas. Mesmo em locais mais áridos e menos propícios aos répteis, como pinhais, eucaliptais e matas de esteva, pode-se encontrar *P. algirus* em relativa abundância.

Espécie de actividade sobretudo diurna, é extremamente ágil e possui notáveis capacidades trepadoras. Muito termófila, só se retira para o seu abrigo quando desaparecem os

últimos raios solares, o que lhe custa por vezes a vida, ao tornar-se presa fácil de algumas cobras que aproveitam o crepúsculo para caçar. No entanto, nas horas de maior insolação, as lagartixas-do-mato procuram uma sombra debaixo de arbustos ou de pedras.

Sempre vigilantes, ao ouvirem um ruído estranho imobilizam-se completamente, podendo permanecer nessa posição durante algum tempo. Todavia, se nos aproximamos fogem a grande velocidade, refugiando-se nos matos ou trepando por arbustos e árvores. Ao serem capturadas emitem por vezes um grito agudo e curto, perfeitamente audível, ao mesmo tempo que tentam morder.

O período de máxima actividade desta lagartixa ocorre na Primavera e no Verão. A partir de Outubro, com a descida da temperatura, a lagartixa-do-mato diminui a sua actividade consideravelmente, havendo mesmo um claro período de letargia que abrange

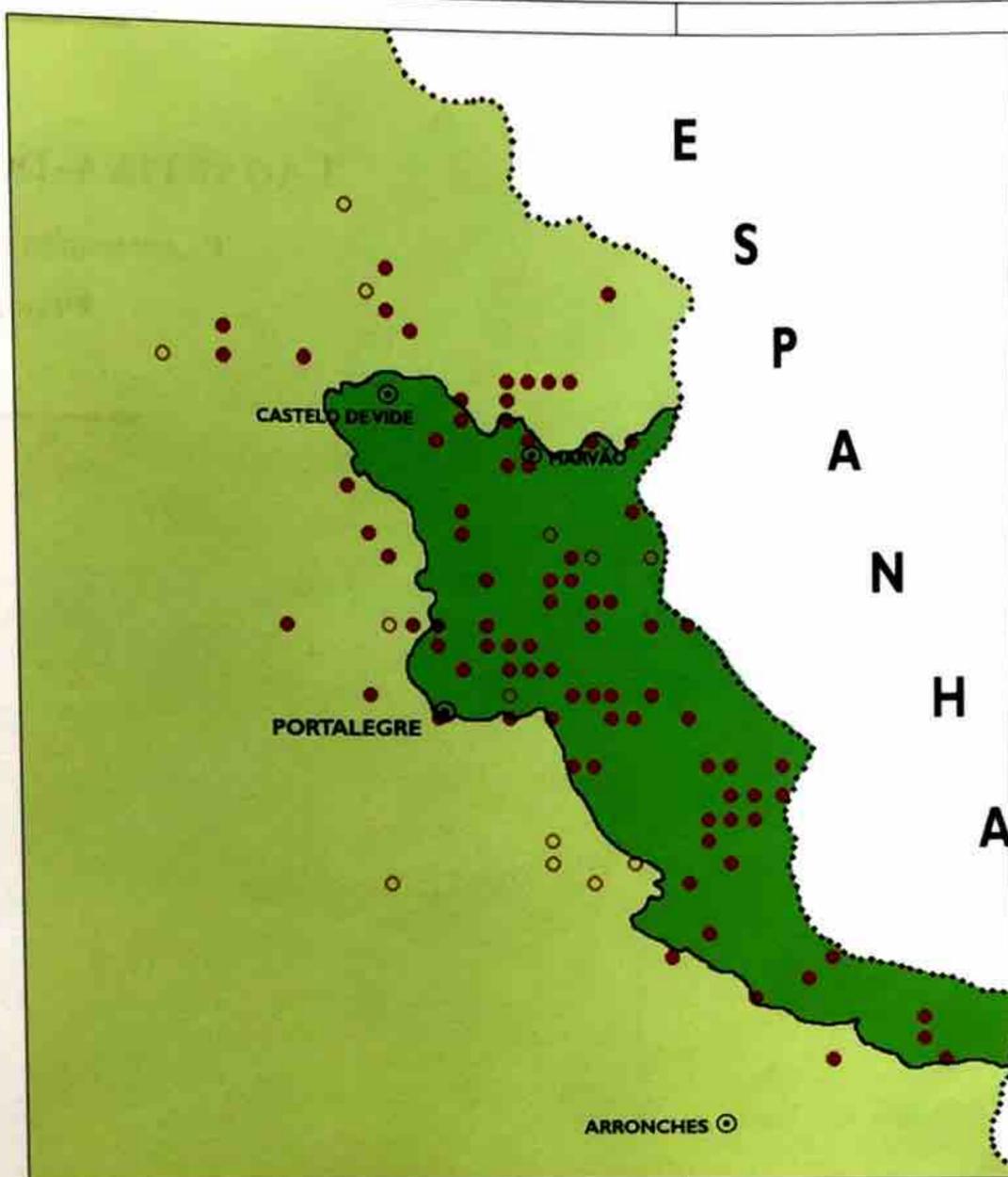
no Inverno. Durante esse período enterra-se entre as raízes dos arbustos ou esconde-se debaixo de pedras e em tocas de outros animais. Quando o tempo volta a aquecer, é dos primeiros lacertídeos a voltar à actividade. Os machos de *P. algirus*, ao contrário da lagartixa ibérica, defendem activamente territórios de dimensões consideráveis. A época de reprodução desta espécie no Parque Natural da Serra de S. Mamede estende-se de Abril a Julho. O macho, engalanado com as suas melhores cores (das quais sobressai o vermelho), presta-se então aos jogos amorosos, nos quais abundam as corridas atrás das fêmeas e as pequenas dentadas, sobretudo nos membros, cabeça ou cauda destas. Como consequência, muitas vezes a cauda das fêmeas acaba amputada. Após algumas perseguições, finalmente, com uma dentada no baixo ventre, o macho imobiliza a sua eleita e consuma rapidamente a cópula. Normalmente a duração desta não se prolonga por mais do que alguns minutos.

É uma espécie ovípara, podendo efectuar várias posturas por temporada.

As lagartixas-do-mato são caçadoras activas, alimentando-se de todo o tipo de insectos e larvas que lhes caíam na boca e não sejam muito duros. Também capturam aranhas, isópodes e outros invertebrados pequenos. Mais raramente podem consumir pequenos répteis, tais como lagartixas, osgas e fura-pastos.

Para capturar os insectos que voam nas proximidades do solo são capazes de dar saltos prodigiosos.

É um dos répteis mais amplamente distribuídos no Parque Natural da Serra de S. Mamede, mantendo populações abundantes na maior parte da região. Não se conhecem ameaças específicas, podendo por conseguinte considerar-se uma espécie não ameaçada na área. A nível nacional é precisamente este o seu estatuto de conservação. Está incluída no anexo III da Convenção de Berna.



Macho ostentando a coloração típica da época de reprodução.



P. algirus trepa com grande facilidade por arbustos e árvores.

LAGARTIXA-DO-MATO-IBÉRICA

Psammodromus hispanicus

Fitzinger, 1826

Raramente ultrapassando os 13 cm de comprimento total, *P. hispanicus* é o menor lacertídeo da fauna do Parque Natural da Serra de S. Mamede. Tal como a lagartixa-do-mato, apresenta uma cabeça alta, não deprimida e escamas dorsais grandes, pontiagudas e carenadas.

A coloração dorsal de fundo pode ser parda, verde olivácea ou acinzentada.

Apresenta várias listas longitudinais mais claras, normalmente esbranquiçadas ou verde-claras. Entre elas existem manchas mais escuras, formando por vezes bandas transversais.

Ventralmente estes animais são esbranquiçados, podendo existir pequenas manchas escuras, particularmente na garganta e no pescoço.



Esta pequena lagartixa ocupa praticamente toda a Península Ibérica com aparente excepção do seu sector setentrional que inclui o noroeste de Portugal. Na Serra de S. Mamede parece ocorrer em pequenos núcleos populacionais muito localizados, provavelmente sem contacto ou com um contacto relativamente restrito entre eles.

As suas preferências, em termos de habitat, são próximas das de *P. algirus*, embora, ao contrário desta última, a lagartixa-do-mato-ibérica evite zonas com vegetação arbórea, ocupando sobretudo áreas secas e abertas, de solos soltos e arenosos, com cobertura densa de ervas e arbustos rasteiros. A altitude não parece condicionar a distribuição deste animal, uma vez que surge em todos os níveis de altitude da região.

É uma lagartixa totalmente diurna e terrestre, ainda que, em caso de perigo ou simplesmente

para procurar alimento, possa por vezes trepar a arbustos pequenos. Mais lenta que a espécie congénere, está bem adaptada à progressão na areia, enterrando-se nela com facilidade quando perseguida.

Em S. Mamede hiberna de Dezembro a Fevereiro, para o que se enterra no solo, normalmente entre as raízes dos arbustos. No entanto, em regiões mais quentes pode permanecer activa durante todo o ano, pelo menos nos dias mais ensolarados do Inverno.



Embora muito termófila, durante o Verão reduz a sua actividade nas horas de maior calor.

Tal como *P. algirus*, emite um pequeno grito agudo quando é agarrada, ao mesmo tempo que tenta morder o agressor.

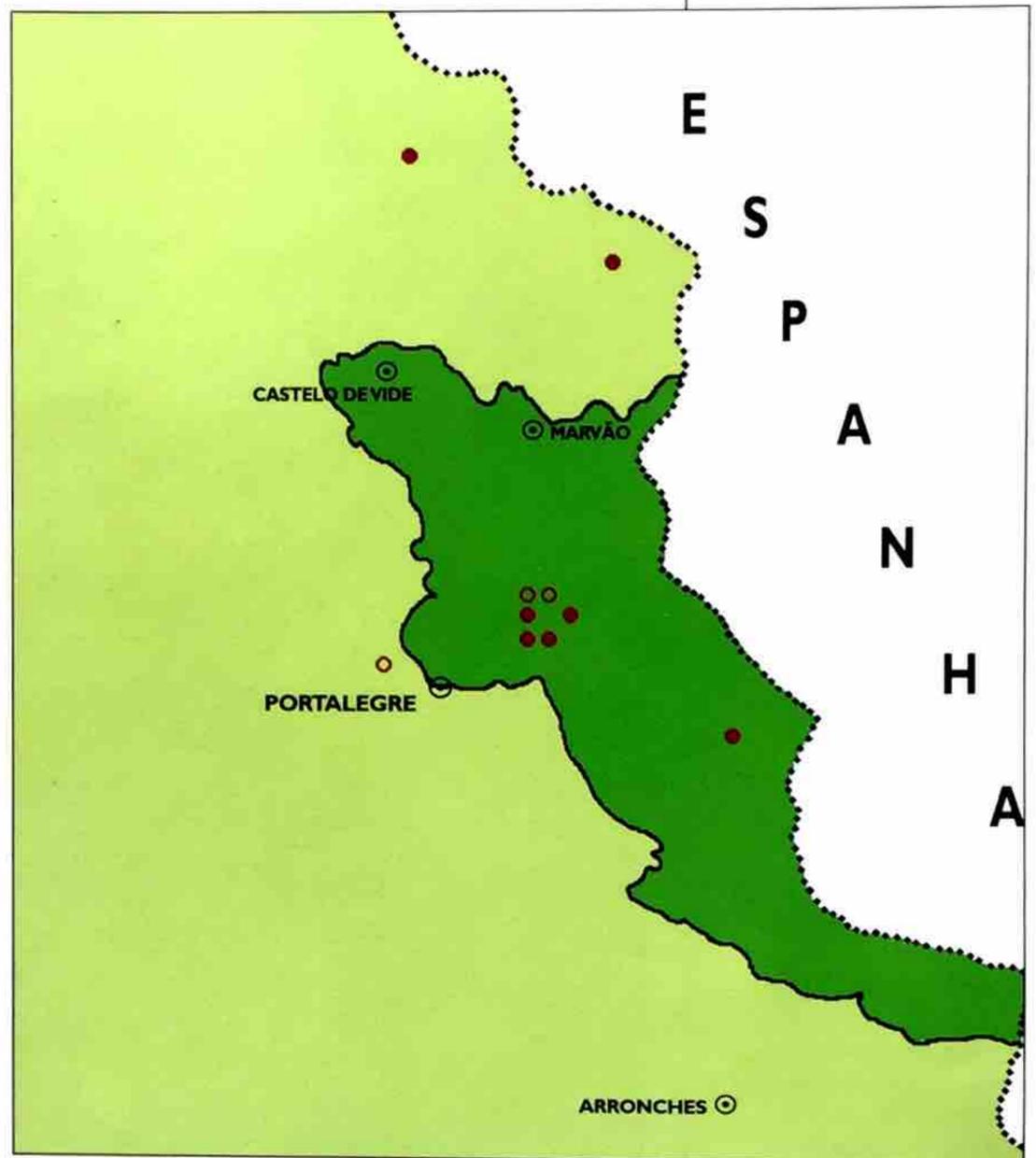
Por serem animais muito territoriais, os machos passam grande parte do seu tempo a perseguirem-se. Quando um jovem invade o território de um macho adulto, sai frequentemente muito maltratado. Ao ser mordido pode emitir igualmente um pequeno grito. Nesta espécie parece haver comportamentos de luta ritualizados. Entre os movimentos característicos dessa situação refere-se que os animais executam por vezes reviravoltas rápidas, golpeando a cabeça do adversário com a cauda.

A época de reprodução inicia-se pouco tempo após o final da hibernação, em Março, e dura até Julho. É nesta altura que a actividade da espécie é maior. O acasalamento é semelhante ao dos restantes lacertídeos, correndo o macho atrás da fêmea e mordiscando-a em diferentes partes do corpo. No entanto, as fêmeas de *P. hispanicus* são igualmente agressivas e respondem da mesma forma.

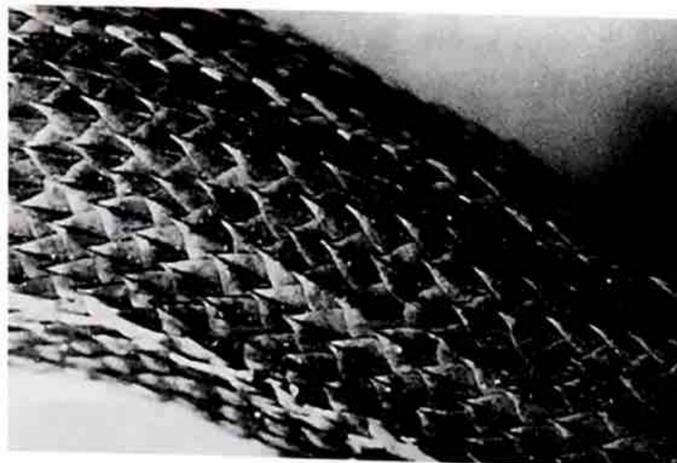
As posturas são feitas a partir de Abril e são compostas por 2 a 6 ovos.

Caçadora activa, a lagartixa-do-mato-ibérica alimenta-se basicamente de pequenas aranhas e formigas. Ingere também escaravelhos e larvas de insectos. Só em casos muito raros pode atacar outros sáurios, inclusive os da sua própria espécie.

Apesar de viver em pequenos núcleos populacionais aparentemente isolados, não parece sofrer ameaças específicas. No entanto, a destruição dos seus habitats pode tornar preocupante a situação da espécie nesta região. *P. hispanicus* consta do anexo III da Convenção de Berna e é considerada não ameaçada, a nível nacional.



Fêmea grávida.



As lagartixas-do-mato têm escamas dorsais imbricadas, carenadas e terminadas em ponta, ao contrário dos restantes lacertídeos, cujas escamas dorsais são granulares ou poligonais e não apresentam qualquer carena central.